ANA CÉLIA DE OLIVEIRA PAZ
ELÓI MARTINS SENHORAS
(organizadores)

MULHERES POR MULHERES

Vida, Vivência e Essência

EDITORA

MULHERES POR MULHERES

Vida, Vivência e Essência

MULHERES POR MULHERES

Vida, Vivência e Essência

ANA CÉLIA DE OLIVEIRA PAZ
ELÓI MARTINS SENHORAS
(organizadores)

BOA VISTA/RR
2025

Editora IOLE

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

EXPEDIENTE

Revisão	Conselho Editorial
Elói Martins Senhoras	Abigail Pascoal dos Santos
Geane Ribeiro Silva Monteiro	Charles Pennaforte
	Claudete de Castro Silva Vitte
Capa	Elói Martins Senhoras
Abinadabe Pascoal dos Santos	Fabiano de Araújo Moreira
Elói Martins Senhoras	Julio Burdman
	Marcos Antônio Fávaro Martins
Projeto Gráfico e	Rozane Pereira Ignácio
Diagramação	Patrícia Nasser de Carvalho
Elói Martins Senhoras	Simone Rodrigues Batista Mendes
Balbina Líbia de Souza Santos	Vitor Stuart Gabriel de Pieri

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

Pa5 PAZ, Ana Célia de Oliveira; SENHORAS, Elói Martins (organizadores).

Mulheres por Mulheres: Vida, Vivência e Essência. Boa Vista: Editora IOLE, 2025, 105 p.

Série: Literatura. Organizador: Elói Martins Senhoras.

ISBN: 978-65-985169-3-2
https://doi.org/10.5281/zenodo.16773262

1 - Biografia. 2 - Literatura. 3 - Memórias. 4 - Mulheres. 5 - Roraima.
I - Título. II - Paz, Ana Céliade Oliveira. III - Literatura. IV - Série

CDD – 869.1

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade da autora.
O presente livro contou com avaliação às cegas no sistema double-blind-review.

EDITORIAL

A editora IOLE tem o objetivo de divulgar a produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância social, científica ou didática em distintas áreas do conhecimento e direcionadas para um amplo público de leitores com diferentes interesses.

As publicações da editora IOLE têm o intuito de trazerem contribuições para o avanço da reflexão e da *práxis* em diferentes áreas do pensamento e para a consolidação de uma comunidade de autores comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates.

O conteúdo produzido e divulgado neste livro é de inteira responsabilidade dos autores em termos de forma, correção e confiabilidade, não representando discurso oficial da editora IOLE, a qual é responsável exclusivamente pela editoração, publicação e divulgação da obra.

Concebido para ser um material com alta capilarização para seu potencial público leitor, o presente livro da editora IOLE é publicado nos formatos impresso e eletrônico a fim de propiciar a democratização do conhecimento por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

(Editor Chefe)

Copyright © Editora IOLE
2025

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO | 09

1 |
Dona Anita Taurepang: Liderança Feminina na Comunidade Sakau Mota 13

2 |
Cecy Lia Brasil: Uma História Inspiradora:
Autodidata das Letras, Dedicação e Amor por Aprender desde a Infância 25

3 |
Dona Vilani: Raízes que Viram Flores: A História de Quem Não Tinha Nada de Vilã 33

4 |
Florany Mota: Macuxi, Nascida e Forjada no Município onde o Brasil Começa 41

5 |
Leirian Camelo Pedrosa: Olhares, Corações e Conhecimentos Seculares e Espirituais 49

SUMÁRIO

6 | Lenir Rodrigues: A Autenticidade é a Tua Verdade 57

7 | Maria das Dores Brasil: Uma Vida Dedicada à Cultura e à Educação 63

8 | Maria Rodrigues: Professora, Mãe, Exemplo de Resiliência e Garra 71

9 | Nilra Jane Filgueira Bezerra: A Caminhada de uma Mulher à Frente do Instituto Federal de Roraima 77

10 | Terezinha de Jesus Santos Dias: Minnha Mãe *Sue Generis* 85

11 | Virgínia Moraes da Silva: Mãe, Esposa e Funcionária Pública Exemplar 91

SOBRE AS AUTORAS | 97

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

O presente livro, “Mulheres por mulheres: vida, vivência e essência”, que ora apresentamos traz a voz de uma irmandade de nove autoras roraimenses e “roraimadas” — mulheres que nasceram na terra e mulheres que a escolheram, que a amaram, a amam e a fizeram e fazem sua — unindo suas vozes para contar as histórias de onze outras mulheres que constroem a rica história humana do estado de Roraima, por meio de suas próprias biografias.

Esta é uma obra sobre mulheres, escrita por uma confraria de mulheres, refletindo assim um mundo contemporâneo que precisa valorizar e escutar cada vez mais as perspectivas e as vozes femininas, pois a melhor maneira de contar essas histórias é através da ótica de quem sabe o que é viver e construir a partir do lugar de mulher.

Em um cenário onde as narrativas frequentemente são dominadas por outras perspectivas, este livro traz a urgência de mostrar as contribuições e as lutas diárias de um conjunto de mulheres que moldam a realidade da própria sociedade roraimense, seja a partir da rotina caseira, que exige resiliência e criatividade, seja a partir do palco profissional, que desafia paradigmas e abre oportunidades.

Escrito como uma celebração de almas femininas que se encontram na palavra e na experiência, o presente livro dá o protagonismo para as próprias mulheres em sua pluralidade e diversidade, a partir de um relato de vida sobre onze mulheres no qual a essência feminina e feminista se manisfesta não como um conceito distante, mas antes como uma prática diária e complexa, permeada pelas ações daquelas que construíram seus próprios caminhos.

A didática e acessível linguagem utilizada nesta obra é simples e direta, um reflexo do desejo de que este livro chegue a um público vasto e diversificado para ser lido em qualquer momento do dia a partir da apreensão dos exemplos vivos de onze mulheres que inspiram e pavimentam o caminho para as gerações futuras, sendo suas histórias um lembrete de que a força feminina é transformadora em sensibilidade, beleza e poder.

Este é um livro escrito coletivamente por várias mãos para um amplo público, honrando o passado, reconhecendo o presente e apontando para um inspirador futuro, razão pela qual é apresentado um convite a você, leitora e leitor, para que mergulhe na alma feminina, sendo estas próximas páginas o ponto de partida de uma catarse guiada pelas vidas, vivências e essenciais de mulheres que movem a história a partir de suas biografias de resiliência, paixão e sabedoria.

Uma ótima leitura!

Ana Célia de Oliveira Paz

Elói Martins Senhoras

(organizadores)

1

***DONA ANITA TAUREPANG**:*
Liderança Feminina na Comunidade Sakau Mota



DONA ANITA TAUREPANG: LIDERANÇA FEMININA NA COMUNIDADE SAKAU MOTA

Stela Damas

Assumo minha posição tendenciosa,
quando se trata de questões
étnicas e culturais, em especial em
favor aos povos indígenas...

Na sabedoria da oralidade dos povos indígenas, o Estado de Roraima é assim denominado: ROROIMA, sendo formado pelas palavras ROROI (de cor verde meio azulada) e MA (denominação de grande). É o estado mais ao extremo da região Norte do Brasil, fazendo divisa com a Guiana Inglesa (Leste e Norte) e a Venezuela (norte e Oeste). Por isso é considerado para o mundo como uma natureza exótica de povos multiculturais. E foi exatamente por causa dessa localização extrema e de tríplice fronteira que conheci uma mulher extraordinária chamada Anita Yanes.

Durante o auge do processo migratório em Roraima[1], indígenas originários da Venezuela também começaram a adentrar o Brasil. O Governo Federal incumbiu o Exército Brasileiro de albergar a população imigrante recém chegada em Roraima. Dados do Comando-Geral da então denominada Operação Acolhida, em 2023, demonstram que mais de duas mil famílias de indígenas imigrantes fizeram este percurso até aquele ano. Para além do abrigamento, fui informada que existe um grupo de indígenas imigrantes que foram acolhidos nas comunidades do povo

[1] Sobre processo migratório em RR.

Taurepang, em área de fronteira, no Município de Pacaraima. Fui em busca de compreender este processo, que é curioso e diverge da posição dos demais povos.

Sentido Pacaraima, adentro um caminho alternativo, estreito, estrada de chão batido, com poeira e lama. Curiosamente, para adentrar as comunidades Taurepang é necessário ter autorização formal do Exército Brasileiro, por tratar-se de área limite de fronteira ente o Brasil e a Venezuela. Existe um processo rígido de checagem de documentação e de autorização formal. Passando por esse controle oficial, é possível apreciar a natureza generosa pelo caminho. É uma área de floresta, com árvores frondosas, pequenas pontes de madeira, que dão uma sensação de umidade e refrescância ao longo da passagem, o que destoa do intenso calor do Estado de Roraima. O caminho percorrido é cheio de curvas, por onde parece impossível passarem dois carros simultaneamente. Observo que existem árvores frondosas caídas ao chão. Essa paisagem me chama atenção. Estamos dentro do Território Indígena, área de demarcação[2], do povo Taurepang.

O povo indígena Taurepang está distribuído entre Brasil, Venezuela e Guiana. Na Venezuela, vivem no sudeste do estado de Bolívar, na Gran Sabana, no Parque Nacional Canaima; e no Brasil, vivem no leste de Roraima, no Município de Pacaraima, na divisa entre os dois países. Sempre foram vistos nas áreas Indígenas Raposa/Serra do Sol e São Marcos. Existe também um grupo desta etnia na Guiana, numa localização imprecisa. Por isso, os Taurepang são multilíngues, falam pelo menos quatro línguas: o português, o espanhol, o inglês e a própria língua; são um povo indígena de língua

[2] A demarcação de terras indígenas é um direito previsto na Constituição Federal de 1988 e é o que estabelece os limites dos territórios indígenas, garantindo-lhes a posse e uso exclusivo. É prevista em Lei e visa garantir a autodeterminação, a autonomia e a proteção dos direitos dos povos indígenas, garantindo assim a participação ativa deles na gestão e preservação de seus territórios.

Carib. Na Venezuela e na Guiana, são conhecidos pela autodenominação Pemon. O termo Pemon significa “povo” ou “gente”.

Viajamos pelo caminho por, aproximadamente, uns 20 km, que pareciam muito mais, haja vista as péssimas condições da estrada. Entre subidas e descidas, aquele cenário de generosa natureza plana começa a mudar. A primeira comunidade indígena avistada é Tarau paru.

Imediatamente, percebo a arquitetura das habitações feitas de madeira e compreendo, então, porque havia árvores cortadas ao longo do caminho. Uma constatação intrigante, pois não reconheço como habitual entre povos indígenas de Roraima essa arquitetura. Nas demais comunidades que já tive oportunidade de ir, são comuns casas e malocões construídos com barro e tocos de árvores, que fazem o suporte das coberturas de taipas, mas não por tábuas de madeira como observei em Tarau paru. Foi então que compreendi que estava diante de um povo com muitas histórias de tradições singulares.

Segui em frente, e o caminho foi ficando cada vez mais afunilado, com estradas mais estreitas e com floresta densa. Foi quando identifiquei, no alto de uma pedra, a placa de uma identificação modesta, de boas-vindas. Na identificação na placa, uma pintura, com desenhos de serras com um bonito pôr do sol ao fundo. Chegamos na Comunidade Indígena Sakau Mota. Por lá iniciei minhas conversas sobre imigração.

Trata-se de uma comunidade com, aproximadamente, cento e quarenta famílias, com casas, tipicamente construídas de madeira, espalhadas num ambiente extremamente limpo. Foi neste cenário que conheci dona Anita, Tuxaua da comunidade. Fiquei muito impactada com a figura dessa líder indígena.

Dona Anita, como passei a chamá-la, é uma mulher de estatura baixa, de aparência jovem e bonita, embora os fios de cabelos brancos denunciem a experiência de vida. Tem um tom de voz alto, gesticula enquanto fala e tem um forte sotaque que mistura o espanhol com a língua portuguesa; e me recebeu com sorriso aberto.

Quando perguntei sobre a arquitetura das casas, em madeira, prontamente me explicou que esse tipo de construção é característico do povo Taurepang da Venezuela e que, agora, é uma arte que está sendo ensinada para os indígenas brasileiros. Explicou que na sua comunidade são os homens que retiram as árvores da natureza, trabalham no aplainamento das tábuas e as utilizam para a construção das casas, bancos, mesas e outros mobiliários. Com orgulho, relatou que se trata de uma sabedoria tradicional do seu povo.

Dona Anita também explicou que ao longo dos últimos anos, com a intensificação do processo migratório em Roraima, seu povo da Venezuela tem atravessado a fronteira a pé. Foi quando, generosamente, apontou para o fundo da comunidade, explicando que, a alguns metros de distância, é possível ver a fronteira, que faz a divisão do território entre Brasil e Venezuela. Compreendi, então, porque o processo de acolhida nas comunidades brasileiras aconteceu.

Os povos indígenas, diferente de nós, trabalham com o conceito de etnoterritório, compreendendo que o espaço geográfico ocupado por um determinado grupo étnico é delimitado pelas suas tradições, cultura e relações sociais e não por demarcação de terras. Compreendi que os Taurepang no Brasil acolhem os Pemon da Venezuela porque são o mesmo povo.

Indagada sobre as possíveis dificuldades desta integração, dona Anita garantiu não existir, pois são parentes, e que na

concepção dos membros da comunidade existe uma corresponsabilidade entre os grupos. Segundo ela, por se tratar de um povo essencialmente nômade, sempre foi comum o trânsito deles entre fronteiras.

Passei então a conversar com Dona Anita para compreender um pouco mais sobre sua história e seu processo de liderança na comunidade, haja vista que é uma mulher com forte sotaque estrangeiro, que conquistou uma liderança de uma comunidade indígena localizada no Brasil.

Relatou que é filha de pais indígenas de diferentes etnias e nacionalidades. Sua mãe é da etnia Macuxi, do Brasil e seu pai Taurepang, da Venezuela. Eles se conheceram e se apaixonaram nas andanças de seu pai pela fronteira entre os dois países. Em casa, aprendeu a falar as três línguas: Taurepang, Português e o Espanhol; e ainda mantém viva essas três línguas.

Contou sobre sua infância pobre. Dona Anita nunca frequentou a escola, precisava trabalhar. Hoje, ainda analfabeta, tem o sonho de ir para a escola e aprender. Explicou que seus pais foram pioneiros na construção desta comunidade e que até cinco anos atrás não tinha acesso ao Município de Pacaraima. A comunidade Sakau mota ficava dentro da pequena área de floresta no limite entre os dois países. Contudo, uma pequena estrada de acesso (ainda de chão batido) passou a acessar o Município de Pacaraima e parte da sua comunidade, então, formou uma outra, mais perto do centro do município, a Tarau paru, aquela comunidade que passei antes de chegar em Sakau mota.

Dona Anita fala com tristeza e preocupação que parte das famílias da pequena Sakau mota da época, ávidas pelo pseudo progresso que prometia este acesso, mudaram-se para mais perto, criando uma outra comunidade, denominada Tarau paru, que hoje é uma comunidade maior. Ao contrário dos demais, dona Anita se

manteve com sua família em Sakau mota. Acredita que, originalmente, o lugar do seu povo é ali, onde seu pai e sua mãe os deixaram. Sabe que a proximidade com a cidade não traz nenhum benefício para seu povo, pelo contrário, os coloca em situação de mais vulnerabilidade. É a partir desse momento que esta mulher, com coragem e desprendimento, começa a lutar por benefícios para o seu lugar de origem. Lidera a comunidade e desenvolve um trabalho notável e comovente neste lugar.

Atualmente, a comunidade possui, aproximadamente, cento e cinquenta crianças e adolescentes em idade escolar. As crianças menores, em idade pré-escolar, estudam numa escola que foi construída pelo poder público municipal, dentro da comunidade. Mas, as crianças maiores e os adolescentes se dividem entre a pequena escola, construída pela liderança de Dona Anita, com materiais e mão de obra da própria comunidade, onde são ministradas aulas do ensino fundamental. São salas de aula em dois blocos, feitos de madeira, o piso, de chão batido, com arestas nas paredes, por onde adentra o sol e a chuva, cobertas de zinco, que deixam à mostra as mazelas da educação escolar indígena e de um estado brasileiro omisso. Contudo, Dona Anita relata com orgulho e alegria este feito, pois caso não fosse construído assim, talvez suas crianças estivessem sem escola ainda nos dias de hoje.

Mas, ainda é perturbadora para Dona Anita as rotinas dos adolescentes em idade escolar, pois, diariamente, se deslocam para Tarau paru, comunidade que que possui o Ensino Médio, que ainda não tem na sua comunidade. Ela ainda sonha em ir para a escola. Mas quer estudar na sua comunidade; e esse é o desejo para todas as crianças e adolescentes da sua comunidade.

A educação é uma das pautas de luta de dona Anita. Justifica que os estudantes devem ter acesso mais fácil à escola, que deve ser um lugar seguro e que privilegie os conhecimentos tradicionais e a cultura de seu povo.

Depois que conseguiu construir a escola, teve dificuldades em trazer os professores, sob a alegação do sistema estadual de ensino, de que nenhum profissional estaria disposto a viver na comunidade tão distante, para ministrar as aulas. Com esforço, mais uma vez, Dona Anita liderou na comunidade a construção de uma casa de apoio para os professores. Lugar onde poderiam ficar durante os dias letivos, podendo se deslocarem para a capital nos finais de semana. Mostra, com orgulho, a pequena casinha de madeira, construída num lugar alto, com a devida distância das demais casas da comunidade, com objetivo de garantir a privacidade dos profissionais que lá se alojassem. Contudo, mesmo assim, os professores não foram e os estudantes do Ensino Médio continuam se deslocando para outra comunidade vizinha, numa estrada perigosa, que durante o inverno chuvoso fica interditada pelo transbordamento dos igarapés. Dona Anita ainda sonha, agora, com sua escola e com os professores na sua comunidade. Garante que quando isso acontecer realizará o seu sonho de ir à escola, sendo aluna na sua própria comunidade. Fala com orgulho dos conhecimentos que a vida lhe trouxe, mas reconhece que eles não são suficientes e que a escola tem um papel importante na vida das pessoas, mesmo que chegue tarde, como no seu caso, já na maturidade.

Em outra oportunidade, retornei a Sakau mota. Observei que havia uma nova construção, pouco acima da escola. Era uma casinha pequena, pintada de branco bem no alto da comunidade, num lugar de destaque. Como não era comum qualquer habitação pintada, chamou minha atenção. Perguntei à dona Anita sobre tal feito. E então, com a alegria que lhe é peculiar, disse tratar-se de um posto de saúde. E então, passou a narrar o contexto da construção.

Segundo ela, visitando outras comunidades, deparou-se com profissionais de saúde fazendo atendimento à comunidade e perguntou porque não tinha esse atendimento na sua comunidade.

Explicaram a ela que para que uma equipe multiprofissional da saúde pudesse fazer o atendimento nas comunidades, seria necessário que houvesse um posto de saúde. Solicitou aos agentes públicos a construção de um posto de saúde em sua comunidade. Com a negativa como resposta, sob alegação de falta de recursos, dona Anita não teve dúvidas: mobilizou mais uma vez a sua comunidade e construíram o seu próprio posto de saúde. Neste dia, aguardava ansiosamente o primeiro atendimento na sua comunidade. A força e determinação dessa mulher são impressionantes.

Contou, com detalhes, seu novo projeto comunitário. Agora, a construção de um malocão[3]. Pois quer fazer assembleias indígenas na sua própria comunidade. Narrou com entusiasmo o dia em que convidará todas as outras comunidades para, num dia festivo, reunirem-se em Sakau mota para debaterem questões indígenas importantes para o desenvolvimento de suas comunidades, fortalecendo o povo Taurepang e suas lutas. E mostrou, com a alegria que lhe é peculiar, a demarcação do espaço da construção e as primeiras estacas que sustentarão a construção.

Nesta oportunidade, Dona Anita falou mais da sua infância e de seus sonhos. Explicou que a infância pobre lhe roubou a oportunidade de viver seus sonhos de menina. Disse que na sua infância sonhava com coisas simples, como pisar na areia da praia. Ficava imaginando como seriam seus pés descalços na areia branca. Quando pequena, ficava imaginando como seria o mar. Como seria uma água salgada? No seu imaginário infantil, seriam mágicas extraordinárias da natureza. A pequena Anita também sonhava com o circo. Ficava imaginando como seria o ambiente do circo. Como viviam aquelas pessoas? O que faziam, como se comportavam? E os animais? Tinha muitas curiosidades sobre eles. Também queria ir a um parquinho. Brincar, como qualquer outra criança na sua idade.

[3] Malocão.

Mas a realidade era outra. Muito trabalho e responsabilidades. Explica que ainda hoje nenhum desses sonhos foram realizados.

Depois destes relatos, Dona Anita garantiu que tudo que não viveu na sua infância proporcionará às crianças e adolescentes da sua comunidade. Que seus sonhos, agora, são para eles. Um dia, as crianças da sua comunidade irão à praia; a escola em que estudam será dentro da comunidade Sakau mota; poderá levá-las ao circo; e, um dia, nesta escola, haverá um lindo parquinho para que as crianças possam brincar.

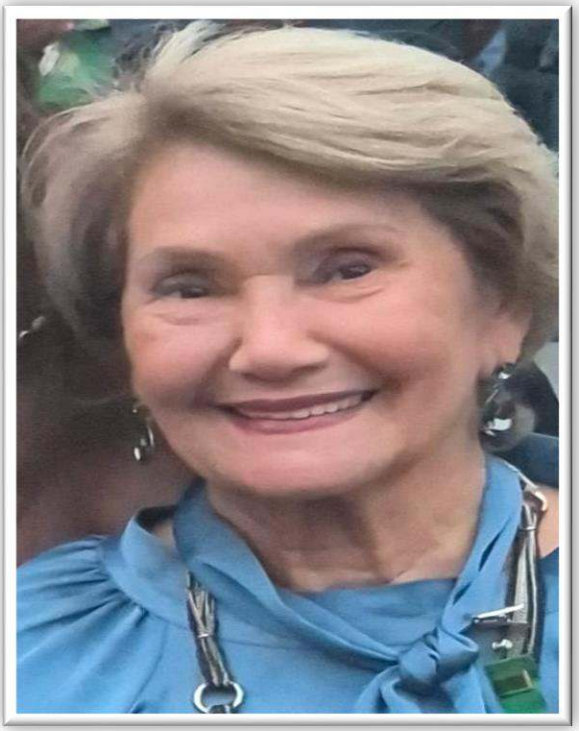
Neste dia, saí de lá comovida com a força daquela mulher. Fiquei pensando sobre o quanto nós ainda temos que aprender com essa energia extraordinária das mulheres indígenas. Pensei muito sobre a responsabilidade comunitária que lhes é peculiar. Quando perguntei à Dona Anita sobre seus sonhos, ela os remeteu aos outros, às suas crianças da sua comunidade. Seus sonhos não são seus, são para eles.

Com esse pequeno relato, além de homenagear Dona Anita, mulher aguerrida, de liderança marcada pela força e generosidade, homenageio todas as mulheres indígenas do meu estado, que são a mais pura expressão da resiliência e da coragem. Mulheres que lutam por um espaço de protagonismo em benefício do seu povo, que lutam pela garantia de seus direitos e da preservação de suas culturas.

2

CECY LYA BRASIL:

Uma História Inspiradora: Autodidata das Letras, Dedicação e Amor por Aprender desde a Infância



CECY LYA BRASIL: UMA HISTÓRIA INSPIRADORA: AUTODIDATA DAS LETRAS, DEDICAÇÃO E AMOR POR APRENDER DESDE A INFÂNCIA

Ana Célia de Oliveira Paz

Busco trazer para meu local de escrita, fragmentos e obras que dialoguem com meu "***eu"*** e meu cotidiano, gerando uma ponte entre presente e passado.

Com minha personagem e suas histórias reais, espero que os meus escritos dialoguem entre o pessoal e o coletivo. Que os meus registros, as minhas verdades contadas dialoguem com as de quem me lê.

Que essa leitura rememorada nos façam sentir o prazer que só essa linda viagem no tempo nos desperta.

Mas, quero pedir licença para hoje escrever sobre uma personagem notável da cultura e literatura infantil roraimense. De perto, o que quero mesmo é ***falar dela e para ela***. E se é para isso, o melhor é que seja agora, nesse momento, dela, por ela e para ela. Caso contrário, não tem a menor graça.

Por essa razão, espero trazer de maneira simples e emotiva pequenos escritos e palavras contadas da minha "guia" **Cecy Lya Brasil**. Ela que ao longo de sua trajetória de vida já recebeu inúmeras homenagens e reconhecimentos pretéritos.

Agora é a hora d'eu manifestar o quanto os meus aprendizados por suas orientações me possibilitam a retratar como a minha personagem principal de uma história real dentre as tantas leituras que viajei ao longo da minha vida.

Não trago nenhuma novidade quando afirmo que ela, nascida e criada no tempo e espaço que se constituiu, foi (e ainda é) uma autodidata das letras.

Cecy Lya Brasil cresceu em uma casa onde a cultura era servida junto às refeições. Seu pai Adolpho Brasil, profundo conhecedor de Roraima, transformava os almoços em mapas falados do território, narrando com detalhes as paisagens, os povos e os caminhos que percorreu. Enquanto isso, sua mãe Thereza Magalhães Brasil, com mãos habilidosas, costurava saquinhos de pano para proteger as mangas do pomar — pequenos gestos que ensinavam, sem palavras, a cuidar do que se ama.

Era ela também quem transmitia, com afeto e firmeza, os saberes da casa, das plantas, dos temperos, das rezas e das palavras ditas com jeito certo. À mesa, as filhas e os filhos mais velhos acompanhavam com atenção essas conversas, e Cecy, mais nova, escutava em silêncio, guardando tudo na memória — os mapas falados do pai e os gestos silenciosos da mãe, ambos parte de uma mesma herança de mundo.

Desde pequena, Cecy sentia encantamento pelas fazendas, pelos rituais da vida rural, pelas travessias de canoa no rio Uraricoera e pelas jornadas de carro de boi até lugares de nomes quase poéticos — Triângulo, Uberaba, Lombada, Viçosa. Nessas viagens, os sentidos se aguçavam. Nas fazendas, observava o preparo do "segura peito", café da manhã robusto de vaqueiros, com mingaus, cuscuz, leite, carne de sol e manteiga, partilhado antes da lida com os animais.

A cultura local, para Cecy, já era alimento do espírito, mesmo antes de ser escrita. Se antecipou e antecipou àquele tempo, com ousadia e coragem foi rompendo fronteiras culturais diversas e inimagináveis.

Mas foi ao lado da irmã Maria Dasdores que seu despertar cultural ganhou profundidade. Maria, embora sem educação formal, era uma verdadeira pesquisadora por intuição e sensibilidade. Juntas, viajavam para o interior e acampavam no vale do rio Parimé. Subiam a Pedra da Conferência para ver o pôr do sol, e Maria recitava poesias enquanto explicava com delicadeza o valor da arte rupestre. Chamava a Pedra Pintada de "Mater das pedras" e escreveu sobre ela em uma reportagem publicada em uma revista de Manaus.

Num tempo em que Roraima ainda era território e não havia universidade, Maria já operava com naturalidade conceitos que só mais tarde Cecy compreenderia como Antropologia e Arqueologia.

Na maloca do Perdiz, Cecy conheceu os rituais indígenas. Aprendeu com pajés e tuxauas — todos homens, à época — a saudar o sol, a reverenciar a natureza, a celebrar com a dança do *Parixara* o plantio e a colheita. Descobriu que as festas, para os povos indígenas, são celebrações da vida: ocasiões de encontro, de renovação da coletividade, de partilha do *caxiri*, do *pajuarú*, do aluá.

Com o tempo, viu mulheres também assumirem a liderança em suas comunidades, conduzindo com firmeza e afeto os mesmos rituais. Já adulta, Cecy começou a registrar essas experiências em cadernos. Entrevistava lideranças nas malocas, anotava com cuidado cada ensinamento. Sentia que aquelas palavras não podiam se perder: havia ali a alma de um povo.

Na década de 1980, com a migração crescente para o território — nordestinos, principalmente do Maranhão, e sulistas, como os gaúchos, atraídos pelas lavouras de arroz — Roraima começou a mudar. O aumento da população tinha um claro propósito político: viabilizar a transformação do território em estado da federação e garantir eleições para o governo local. Cecy viu os municípios se multiplicarem, e com eles o risco de apagamento da cultura local.

Foi então que ela plantou uma nova semente: criar uma literatura para crianças que nascessem conhecendo e amando sua cultura. "A gente só ama aquilo que conhece", dizia na ocasião. E se a criança cresce com orgulho da sua terra, levará isso para a vida inteira.

Assim nasceu a coleção Ajuri, palavra indígena que significa ***a(juntamento)***, mutirão.

Na tradição, fazer um ajuri é reunir a comunidade para um trabalho coletivo e, ao final, partilhar a mesa — com café nas cidades, com caxiri nas comunidades. Para Cecy, falar da cultura local era, antes de tudo, falar dos povos indígenas: reconhecer sua ancestralidade, centralidade, suas cosmovisões, seus saberes.

Sua escrita buscava traduzir com respeito e sensibilidade as histórias orais que ouviu e presenciou nas malocas, nas festas, nos encontros com lideranças. Reuniu então uma equipe movida pelo mesmo propósito: as pesquisadoras Cecy Lya Brasil e Luiza Carmen Brasil, a pedagoga Maria Clemes Santos e o ilustrador Augusto Cardoso.

A coleção foi publicada em 1987 pelo Ministério da Educação – Fundação de Assistência ao Estudante, no Rio de Janeiro, e trouxe cinco lendas fundamentais: O Ajuri, Macunaíma, Tupã-Quem, Canaimé e Cruviana.

O sucesso da obra foi imediato.

Em 1989, Cecy foi uma das responsáveis pela criação da Academia Roraimense de Letras, e, com merecido reconhecimento, passou a ocupar uma de suas cadeiras. Seu trabalho seguiu firme, agora também voltado à preservação do patrimônio histórico. Engajou-se na luta pelo tombamento de prédios antigos e, mais recentemente, tornou-se presidente da Academia — orgulho de uma vida dedicada à cultura de seu povo.

Como Presidente da ARL é aguerrida e incansável. Lidera com persistência, amor e, profundo sentimento de ***pertencimento.*** Cotidianamente se dedica às várias causas da Academia, suas atividades culturais, literárias, artísticas e humanas.

Aqui deixo pequenos registros, organizados por Andrea Brasil (sua filha) e eu, sua amiga de *lonnnnga* data, que ampliam e registram (um pouquinho) a compreensão sobre sua vida e seu processo produtivo na área cultural.

ELA vive e respira cultura, artes, letras, literatura e humanidades...

É celebrada, amada e respeitada por esse sentimento que a consolida com uma das maiores historiadoras de Roraima.

3

DONA VILANI:

Raízes que Viram Flores:
A História de Quem Não Tinha Nada de Vilã



DONA VILANI: RAÍZES QUE VIRAM FLORES: A HISTÓRIA DE QUEM NÃO TINHA NADA DE VILÃ

Simone Rodrigues Batista Mendes

Começo meu texto trazendo Maria Gadú com sua música "Dona Cila", para expressar os sentimentos que afloram em mim, após desencarne de minha mãe, Dona Vilani. Gadú fala sobre amor e desapego, mas é difícil deixamos nossos entes partirem apesar de acreditarmos que "A morte não é nada. **Eu somente passei para o outro lado** do Caminho. Eu sou eu, vocês são vocês. **O que eu era para vocês, eu continuarei sendo**..." (SANTO AGOSTINHO).

> Se queres partir, ir embora
> Me olha da onde estiver
> Que eu vou te mostrar que eu "tô" pronta
> Me colha madura do pé....
>
> A não é nada. Apenas fiz a passagem para o outro lado: é como se estivesse escondido no quarto ao lado. Eu sempre serei eu e tu serás sempre tu. O que éramos antes um para o outro o somos ainda" (MARIA GADÙ).

Os autores nos proporcionam pensar sobre a transição da vida à morte, ressaltando a continuidade do espírito e da relação entre vida e morte. Então mãe, espero sua chegada no outro plano seja com muita luz, paz e cercada dos entes queridos que vivem no mundo espiritual.

Há mulheres que nascem para ser mapas. Minha mãe foi uma delas. Não aqueles mapas delicados, guardados em livros de geografia, mas os desenhados no caminhar, na terra, com marcas de suor e linhas de lutas e de resistência. Uma cartografia do afeto, escrita em sotaque nordestino. De resistência, resiliência e de fazer acontecer.

A sua história começa em determinado espaço e tempo. Uma das tríades de filhas da primeira leva de mais de 10 filhos. Sua luta começa ao nascer (1948), alegria do seu nascimento se transforma em dor, ela já vem ao mundo sem mãe. A vó Maria Matilde se foi com seu nascimento, mas sempre esteve presente em nossas vidas *in memória*. Criada pela tia e avó viveu em modelo rígido de educação, centrada nos afazeres domésticos, da roça, teve pouco estudo, estudou até a 4° serie, sua caligrafia fazia inveja a muitos.

Dona Vilani, ou Vilani ou "Vila" para os mais íntimos não esperava chuva era tempestade em terra seca. Rebelde desde tenra idade, não aceitava a condição que lhe fora imposta, saíra em busca de melhores condições de vida, em terra seca semente fértil não se cria. Mamãe enfrentou secas, migrações e saudades, mas nunca deixou a esperança murchar. A esperança de dias melhores.

Sem instrução fez a vida acontecer, mulher de um coração gigante, mesmo diante das adversidades sempre esteve disposta a ajudar quem batesse a sua porta. Mãe de dois filhos biológicos, teve outros que a vida lhe oportunizou, assistiu vários jovens que a sua porta bateu e, assim foi mãe de coração de muitos, sendo exemplo e influência para todos que a cercavam.

Seu mantra para nós filhos," o que posso lhe oferecer é estudo, pois o conhecimento ninguém lhe tira, minha herança é o estudo", uma fala constante em nossas vidas, nos ensinou a não desistir, para ela assim, "corra atras dos seus sonhos".

Mas, não se enganem tinha um gênio forte e não aceitava perder seu poder de mando, nos dizia sempre que filhos "não tinha idade, deveria sempre obedecer a pai e mãe", trazia consigo valores sólidos como: solidariedade, justiça, humildade, trabalho e honestidade, passando para seus, nos cobrava sempre atitude de ética e empatia para com os semelhantes.

Depois de muitas andanças, chega em Roraima em meados de 1980, trazendo malas de roupas para vender, a época era muito comum homens e mulheres saírem do Nordeste para Norte do Brasil para revender "confecção" e foi assim que ao chegar, encantou-se por Boa Vista e por aqui decidiu ficar, até os últimos dias de vida. Para ela, essa terra era de oportunidades, aqui teve seu segundo filho, formou sua filha e tinha orgulho do que realizou nessas terras. Fixou-se na cidade como uma das melhores costureiras se não a única, essa era sua profissão de verdade, mas tinha uma habilidade para vendas que nos encantava, como costureira vestiu e fez a felicidade de muitas clientes na cidade.

Dona Vila não foi apenas uma costureira de mãos hábeis, mas uma tecelã de vidas. Suas moradas, sempre de portas abertas, transformaram-se em um refúgio onde histórias se cruzavam como linhas, agulhas e tecidos. Jovens em busca de orientação, vizinhos necessitados de um prato de comida ou uma palavra de conforto, todos encontravam nela um porto seguro. "Onde come um, come dez" não era apenas um ditado, mas um princípio que guiava seu cotidiano, transformando simples gestos em lições eternas de solidariedade e amor ao próximo.

E assim, foi se construindo amizades e afetos, sua casa era de acolhimento e de espaço para todos, às vezes psicóloga ela sempre tinha tempo para ouvir e opinar, sempre se permitiu à escuta ativa. De forma que o fragmento do poema de Cris Pizziment "Sou Feita de Retalhos" lhe cai muito bem:

> Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.
>
> Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior…em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade… Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

No ofício, a máquina de costura de Vila transcendia a função de mero utensílio de labor, erguendo-se como ganha pão e passaporte para a dignidade. Cada preciso ponto costurado refletia em um sustento tangível: um punhado de arroz e feijão junto à mesa, calçados para o filho mais novo, uma ajuda para os estudos da filha mais velha, a quitação das contas fixas a cada fim de mês. Ela falava "enquanto minhas mãos tiverem a destreza de manusear a agulha nenhum dos meus filhos conhecerá a fome", proclamava ela por várias noites em claro. A mais profunda das suas motivações era, sem dúvida, resguardar seus filhos das dificuldades que tanto a haviam afligido em tempos difíceis. A máquina nunca parava - o rítmico "tec-tec-tec" era o som da resistência, a trilha sonora de uma mulher que se recusava a ser vencida pelas adversidades da vida.

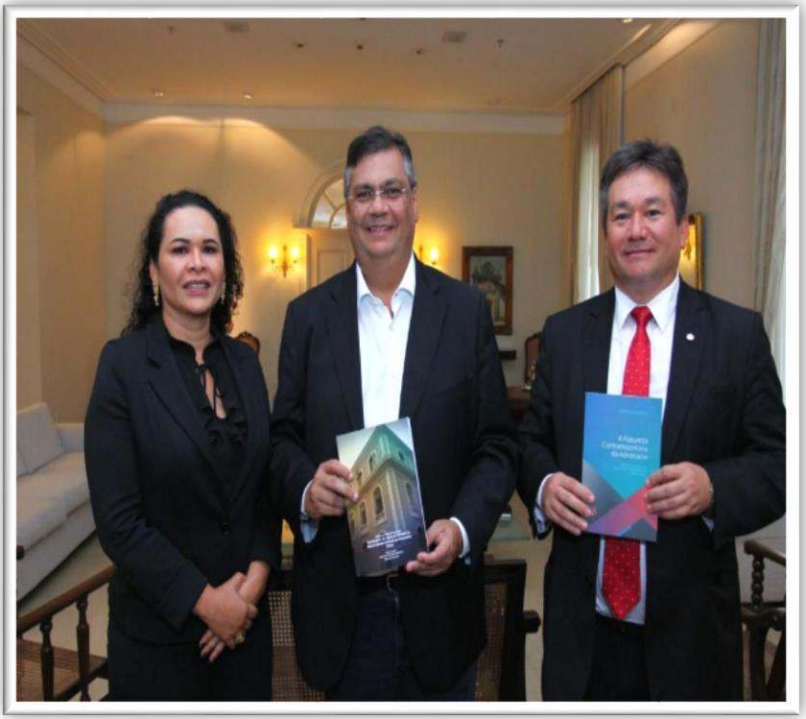
Seus filhos cresceram ao som dessa melodia persistente. Aprenderam que o valor das coisas não está no preço, mas no trabalho que custaram. Que mesmo virando madrugadas com as mãos ocupadas, ainda assim conseguira nos acolher com amor e afeto. Que é possível transformar agulhas, linhas e tecidos em arte, e adversidades em lições de vida. Hoje, quando ouço o som de uma máquina de costura, não lembro de pobreza – recordo-me do amor mais puro, aquele que se traduz em atos, não em palavras. A habilidade de cortar, medir, alinhar e coser - pacientemente, dia após dia - o tecido inquebrantável que é o amor de mãe.

Sua despedida foi como ela viveu: cercada de gente. Amigos, filhos de coração e clientes que viraram família se reuniram para celebrar uma vida que foi tecida com linhas de resistência e pontos de alegria. Não houve tristeza que não fosse embalada por uma risada dela lembrada, nem lágrima que não secasse ao ouvir: “Vila não gostava de choro, ela queria é ver a gente forte, sorrindo e feliz”. E assim, seguimos, carregando seu legado como quem carrega um retalho precioso — às vezes escondido no bolso, outras vezes exibido com orgulho.

Com esse lembrar termino meu texto com Roberto Carlos lhe dizendo mãe “além do horizonte deve ter. Algum lugar bonito pra viver em paz. Onde eu possa encontrar a natureza. Alegria e felicidade com certeza do horizonte [...]. Lá nesse lugar o amanhecer é lindo [...]. Aproveitar a tarde sem pensar na vido. Com flores festejando mais um dia que vem vindo”. Na certeza da vida eterna e missão cumprida, sei que estás me paz. Te amo do tamanho do mundo (ROBERTO CARLOS,1975).

4

FLORANY MOTA:
Macuxi Nascida e Forjada no Município Onde o Brasil Começa



FLORANY MOTA: MACUXI, NASCIDA E FORJADA NO MUNICÍPIO ONDE O BRASIL COMEÇA

Shirley Rodrigues

Florany Mota, roraimense, nascida no município mais setentrional do país, é autora do movimento que deflagrou a paridade de gênero no sistema OAB – do Caburaí ao Chuí: o Movimento Mais Mulheres na OAB, sendo, pois, a responsável pela defesa dessa proposta no Conselho Federal da OAB (CFOAB) que abraçou a ideia e a tornou extensiva às 27 seccionais do país.

Mas até chegar ao ponto em que a menina de origem indígena, do município onde o Brasil começa, se tornasse advogada, tem-se uma longa trajetória de dedicação aos estudos e à luta em defesa dos direitos coletivos dos povos indígenas. Então, merece que contemos um pouco do início de sua história.

Florany Mota, nasceu no município mais indígena de Roraima: o Uiramutã, onde está localizado o Monte Caburaí, o ponto mais setentrional do país. Cresceu no interior na casa dos avós paternos em Santo Antônio do Pão – Terra Indígena Raposa Serra do Sol/Comunidade Caraparu.

Sua avó paterna, Dona Marinha, era da etnia Macuxi e o avô, Cici Mota, descendente de nordestinos, neto do primeiro prefeito de Boa Vista, João Capistrano da Silva Mota, mais conhecido como Coronel Mota.

Na infância, Florany estudou na primeira escola da região, na Comunidade Indígena Caraparu/Uiramutã/RR, sendo esta a mesma escola em que sua mãe, professora Maria Lúcia, trabalhou por um

ano, ajudando as crianças indígenas a desenvolverem suas habilidades de leitura, matemática e em outros conhecimentos escolares.

Por ter a visão de que suas filhas (Florany e Marinha) não teriam oportunidade de avançar em seus estudos se permanecessem na comunidade indígena, quando concluíram o 4o ano, Dona Lúcia pediu transferência para lecionar em Boa Vista, e, dessa forma, suas filhas puderam concluir a 8ª série do ensino fundamental.

Logo que Florany entrou no Ensino Médio fez o curso técnico de Datilografia e no 2º ano mudou-se para Brasília, onde foi acolhida por familiares, em busca de mais oportunidades de estudos e onde, segundo ela, teve uma experiência enriquecedora, uma vez que na cidade pode se preparar para o vestibular em um curso intensivo voltado exclusivamente para esse fim. Seu foco era realizar a prova de vestibular da Universidade de Brasília – UNB.

No período em que Florany se preparava para o vestibular em Brasília, recebeu a notícia de que fora inaugurada a Universidade Federal de Roraima-UFRR, animando-se para retornar ao seu Estado de origem e prestar vestibular. Assim o fez e foi aprovada no primeiro certame da UFRR para o Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Quando completou 18 anos, começou a trabalhar no Departamento de Assuntos Indígenas da Secretaria Estadual do Meio Ambiente Interior e Justiça – SEMAIJUS - no cargo de datilógrafa de projetos para áreas indígenas.

Na instalação do Tribunal de Contas do Estado de Roraima, fez parte do corpo de servidores, mas, após algum tempo, retornou para o Departamento de Assuntos Indígenas (DAI) do Governo de Roraima, à época alocado na Secretaria de Trabalho e Bem-estar Social – SETRABES, na condição de Diretora do DAI. Esse cargo propiciou-lhe a oportunidade de conhecer muitas comunidades

indígenas de Roraima, com exceção das localizadas na etnorregião Yanomami.

No exercício de suas atribuições, incentivou as comunidades a desenvolverem projetos de preservação fortalecimento de suas práticas culturais originárias, atuando, por essa via, com as raízes de sua descendência.

Como exemplo, tem-se o projeto de resgate da prática de produção de panelas de barro na Comunidade da Raposa, liderado por Lídia Raposo, bem como o resgate do trabalho de produção de artesanato indígena em fibras e tingimentos naturais, atividades que acompanhou e apoiou em várias comunidades indígenas de Roraima.

Com a institucionalização do município de Uiramutã, onde seu pai Zélio Mota foi vereador, por meio de composições políticas, Florany foi indicada para concorrer ao segundo pleito das eleições municipais, sendo a primeira mulher eleita para exercer o cargo de prefeita de Uiramutã.

Nesse primeiro mandato, sua gestão foi destaque por sua atuação no enfrentamento aos grandes índices de analfabetismo da população e pela firmeza no enfrentando dos conflitos vivenciados no território, em virtude do processo de demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. E foi nesse período que conheceu o Dr. Antonio Oneildo Ferreira, então presidente da OAB Roraima, com quem se casou e teve três filhos.

Pela relevância e resultados positivos alcançados em seu mandato, Florany foi reeleita. A trajetória de conquistas como gestora municipal contribuiu para que sua capacidade de liderança extrapolasse o âmbito local e se tornasse a primeira mulher a presidir a Associação dos Municípios do Estado de Roraima-AMR.

Não se pode deixar de mencionar que o seu marido, Dr. Antonio Oneildo, foi o principal incentivador para que Florany

investisse em sua formação. Assim ela o fez: optou por seguir a carreira jurídica e, para isso, cursou Direito na Faculdade Atual da Amazônia, realizou e foi aprovada no Exame da Ordem Unificado da OAB e passou a atuar como advogada em um escritório particular, onde é sócia.

Em 2014, participou da Comissão da Mulher Advogada, em Brasília, e foi aí que surgiu seu interesse em desenvolver projetos direcionados à luta pela defesa de direitos e equidade para mulheres advogadas no sistema OAB.

Foi então que Florany idealizou e elaborou um dos projetos mais importantes para às mulheres advogadas do Brasil, tornando-se uma ação revolucionária dentro da Ordem: o Movimento mais mulheres na OAB - MMMOAB. Este foi lançado em Roraima em abril de 2015 e expandiu-se para todo o Brasil na 1ª Conferência Nacional da Mulher Advogada, realizada em Maceió, em maio daquele mesmo ano, com o objetivo de intensificar a participação das mulheres advogadas nas eleições de todo o sistema OAB.

O Movimento cresceu, ganhou força e não demorou para receber a aprovação de Provimento nº 164/2015 do CFOAB, que intituiu o Plano Nacional de Valorização da Mulher Advogada.

Depois disso, Florany participou de várias conferências país afora, com o intuito de difundir as diretrizes do Movimento Mais Mulheres na OAB. Como reflexo dessa ação, em 2018, o CFOAB deu nova redação aos dispositivos de seu Regulamento Geral para que, em eleições aos cargos diretivos da Ordem, fosse admitido o registro apenas de chapas compostas por pelo menos 30% e no máximo 70% de candidatos de cada sexo, sendo a definição desses percentuais considerada uma vitória para a advocacia feminina brasileira.

Florany também fundou, em 2017, a Associação Roraimense da Advocacia Trabalhista (ARAT), a qual preside e onde defende os

direitos sociais e a valorização da justiça do trabalho. A ARAT é filiada da Associação Brasileira da Advocacia Trabalhista, instuição que existe há mais de 40 anos no Brasil e na qual Florany teve a oportunidade de ser diretora de Assuntos Legislativos.

Cabe mencionar que o Museu Nacional da OAB detém de um espaço exclusivo para o reconhecimento do protagonismo de mulheres advogadas no Brasil, e, dentre as homenageadas está a primeira advogada inscrita no sistema OAB – Dra. Mirtes Campos; a decana Cléa Carpi (única mulher a receber comenda Medalha Rui Barbosa do CFOAB); e a advogada roraimense Florany Mota por sua atuação no Movimento Mais Mulheres na OAB – MMMOAB.

Pelo exposto, fica evidente por que Florany Mota, protagonista e militante da causa feminina, é considerada uma das advogadas do Brasil cuja atuação abriu portas para um novo cenário na advocacia brasileira, transformando paradigmas em prol das mulheres advogadas.

5

***LEIRIAN CAMELO PEDROSA**:*
Olhares, Corações e
Conhecimentos Seculares e Espirituais



LEIRIAN CAMELO PEDROSA: OLHARES, CORAÇÕES E CONHECIMENTOS SECULARES E ESPIRITUAIS

Ana Hilda Carvalho de Souza

Este capítulo aborda reflexões intersubjetivas oriundas da experiência humana, mediada por vínculos de amizade, companheirismos e mentoria espiritual ao longo de uma jornada, a qual se estende por mais de trinta anos. A essência da homenagem que substancia este relato, tem sua origem nas reminiscências entesouradas na memória, construída na relação de amizade experienciada inicialmente no espaço acadêmico, mas que assumiu conexões cada vez mais profundas culminando no alcance dos êxitos presentes na trajetória profissional, pessoal e espiritual.

É deveras fascinante, tocante e comovente, a experiência de fazer uma imersão na esfera subjetiva para relatar a influência sobremaneira positiva da relação de amizade expressa nos sentimentos femininos que ilustram esta homenagem. Frente a esse estado, esse capítulo tem como objetivo descrever a importância amizade da minha amiga, Leirian Camelo Pedrosa, nas diferentes dimensões de minha trajetória terrena. Tornando-se possível recordar, fortalecer e corporificar o imaterial das vivências presente no percurso dos encontros entre olhares e corações, aprendizagens e conhecimentos, profanos e espirituais.

Nesta perspectiva, esta homenagem passa a ser entendida como uma crônica instrumental material, no sentido de contribuir com possibilidades analíticas complementares para redimensionar reflexões e projeções de revelação do potencial feminino no processo de formação do sujeito e, consequentemente da sociedade.

O contexto desta narrativa começa numa ensolarada manhã de verão, no início do ano acadêmico de 1993, quando me percebia deslumbrante e cheia de expectativa, em relação ao ingresso no curso de Licenciatura Plena em Matemática. A alegria já era contagiante desde a constatação na aprovação do vestibular 1993.1, revelando um resultado concreto para a realização de um sonho. A área de conhecimento escolhida, foi reflexo do espelho paterno, uma pessoa altruísta que, mesmo analfabeta, fazia uso de cálculos mentais complexos com maestria, lógica e precisão, a fim de desenvolver diariamente suas atividades comerciais.

A cidade era São Luiz do Anauá, na região sul de Roraima. Na ocasião, a oferta dos cursos em Licenciaturas como Letras e Matemática, com aulas realizadas aos finais de semana, marcavam a política de interiorização da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Esta ação, veio proporcionando um campo de oportunidade para formação, conquistas e êxitos para a profissão docente. Portanto o *campus, ag*regava acadêmicos de várias localidades adjacentes. Ali eu me encontrava.

Bisbilhotando as malhas memoriais, pode-se ainda visualizar as imagens daquela vivência emocional que logo tomaram ares de desespero. Uma vez que, logo no início das aulas, percebi que não tinha o mínimo de conhecimento básico, para acompanhar as aulas. Embora tudo o assunto mesmo que bem explicado não fazia o menor sentido para mim. Encontrava-me completamente perdida na sala de aula, pois o Ensino Médio veio na carga horária suplementar de um tímido curso supletivo denominado Projeto Logos II para formação de professores leigos que, atuavam na docência, por volta da década de 1980.

Assim, o desenvolvimento das aulas revelou-se atemorizante para mim. Podia observar os demais colegas compartilhando conhecimentos com os professores. dentre estes destaca-se uma colega e suas impávidas contribuições que pareciam subestimar as

demais. Então passei clamá-la por socorro por meio de meu perplexo olhar sobre seus conhecimentos. Me estava deveras carente de aprendizagem para desenvolver as atividades, e sobretudo retraída para me aproximar, então me limitava a contemplá-la por meio do olhar.

Como se tivesse notado o meu desespero, ela simpaticamente se aproximou, revelando a capacidade feminina de empatia com captação e processamento de informações pela percepção visual e interpretada pelo coração. Prontamente, com profundo sentimento de afeição diante da minha aflição, se disponibilizou em me ensinar tudo que precisava para continuar no curso, demonstrando o papel feminino de afeto e, expresso na relação carinhosa de proteção e cuidado.

Assim, na dimensão da aprendizagem, surgiu uma rotina de conhecimentos mais pungentes que experimentei. Foram incentivos, mobilizados pelo estímulo e reforço de saberes, que muito enriqueceram as condições para uma vivência de descobertas acadêmicas recheadas por uma multiplicidade de sentidos, da experiência de conquistas, êxitos e êxtases, regados ao fascínio pelos conteúdos matemáticos. Estes passaram a ter alumbramentos cada vez mais significativos na esfera da mobilização cognitiva para a aquisição individual dos conhecimentos. Desse modo, foi possível o avanço em estudos posteriores a nível de *lato* e *stricto sensu.*

Essas aproximações, tecidas na dimensão relacional, estenderam-se para além da aprendizagem, abrangia momentos de lazer e outros entretenimentos, revelando a capacidade feminina de abrir novos horizontes, em um paralelismo de parceria e/ou cumplicidade. Haja vista que, na trajetória de certa fase da vida, vê-se diante de situações permeada por vivências ilusórias ao sabor do devaneio com profundo nexos no profano que, por vezes acometeu as sombras da minha alma. Porém a presença de uma amizade fraterna e leal, elementos essenciais, destacadas na subjetividade

feminina de minha amiga, me conduziu novamente a um estado de sobriedade.

Caminhos diferentes, nos conduziram a uma período de afastamento. Contudo a profunda ligação emocional e irmandade inquebrável que nos acompanhou, manteve pelo sentimento de unidade e atemporalidade, a solidez da amizade. Assim, em uma recente fase sombria de minha vida, pude compartilhar de angústias da alma, ocasionada por frustações e desilusões no relacionamento conjugal. Novamente pude, contar com a força, apoio, disponibilidade e presença de minha amiga, que agora já passava a tomar a posição de irmã, irmã em Cristo Jesus.

Além de tudo que já nos unia na vida e vivências, agora nos encontrávamos para viver a essência de uma mesma identidade, com pertencimento de unidade. Qual seja, pela fé membros do mesmo corpo de Jesus Cristo[4]. Minha amiga, com todo a sua sabedoria maternal, peculiar da feminilidade, me conduziu a um caminho que, perpassa os limites desse tempo, atingindo a eternidade com Deus. Acreditamos deveras nestas promessas bíblicas.

A verdade é que minha subjetividade, revela-se muito limitada, e até mesmo muito tangível, para transcender toda a gratidão e contentamento de poder homenagear uma mulher muito especial para mim. Ademais quando se tem que transcrever em linhas horizontais, tudo aquilo que se vive de forma circular em todas as dimensões humanas que os sentidos podem conceber. Contudo, esta experiência revelou-me o fascínio de escrever uma contribuição testemunhal em forma de homenagem.

A experiência de falar das relações e percepções de momentos congelados no domínio da consciência e experiências intersubjetivas, como atribui-se ao fato de descrever a influência

[4] Ver Romanos 12.4-8, da Bíblia Sagrada em qualquer tradução.

sobremaneira positiva de uma figura feminina por meio da experiência vivida na relação e doação de amizade, emudece a fala.... Os sentimentos que sedimentam esta homenagem, é deveras tocante e essencial na prática da relação, porém ao escrever se concebe a dificuldade de expor, descrever, ou seja, de fazer uma imersão na esfera subjetiva, introjetada no próprio sujeito...

Acima de tudo, porém, Leirian Camelo Pedrosa, materializa a essência do companheirismo idôneo idealizado por Deus ao criar a mulher[5]. Um ser da criação divina, capaz de proporcionar com suas qualificações peculiares, a condução de situações adversas da vida, das vivências e das essências para um espaço com iluminação na construção de sentidos, conduzindo à transformação de corações e humanização da sociedade. Ambientes harmônicos que possibilitam a integração criativa de ideias, pensamentos e posturas diante de novas e contínuas experiências, nesta vida terrena e, na vida eterna.

Deixo minha eterna gratidão a minha colega e amiga Ana Célia Paz, organizadora desta obra, pelo convite, a qual me, fez sentir homenageada também, neste grupo de mulheres que olham para outras mulheres, se auto identificando e se completando em suas vidas, vivências e essências. Te amo mais, minha amiga-irmã Leirian, até depois do fim! Deus é conosco!

[5] Ver Gênesis 2.18, na Bíblia Sagrada em qualquer versão.

6

LENIR RODRIGUES:
A Autenticidade é a Tua Verdade



LENIR RODRIGUES: A AUTENTICIDADE É A TUA VERDADE

Élissan Paula Rodrigues

Ana Célia de Oliveira Paz

Minhas irmãs sempre foram para mim, mais do que exemplos, foram guias. Cada uma do seu jeito próprio, Shirley, Lenir e Ray, foram responsáveis pela minha criação e do meu irmão, Evandro. Das primeiras lembranças que tenho da vida, lembro de sentir o vento no rosto na garupa da bicicleta delas nos levando para a escola, onde já davam aulas e nos ensinavam que estudar era o único caminho para pessoas como a gente, de origem humilde, do interior. Estudávamos os dois horários, enquanto elas trabalhavam. Cedo aprendi com Lenir, o valor da educação e o poder do conhecimento na vida de uma pessoa.

Foi com a Lenir que aprendi a amar a Igreja e a ter verdadeira devoção a Deus. Quando criança, eu a esperava sair da sala do Ensino Religioso na escola São José e, de tanto vê-la ali ensinando, cantando, adorando a Deus, quis ser freira também. No Movimento Bandeirante, aprendi com ela a ter disciplina, compromisso e foco no trabalho — valores que ela sempre cultivou e que me marcaram para a vida toda.

Das muitas lembranças que guardo na mente e no coração, quando me pedem para falar sobre ela: é a Lenir cantando Diamante Verdadeiro, da Maria Bethânia. A música é quase um retrato dela — uma celebração da autenticidade, da força de quem não se molda ao que os outros esperam, mas vive com verdade.

Como pessoa soberana neste mundo
Eu vou fundo na existência
E para nossa convivência
Você também tem que saber se inventar
(Trecho da música)

Lenir desafina do tom dos grã-finos, como diz a canção, mas é soberana em sua própria existência. E, mesmo assim, soube se adaptar e conviver com realidades tão diversas, sem perder sua essência.

Lenir Rodrigues nasceu em Boa Vista, mas foi criada em Mucajaí, e carrega no jeito e nas escolhas a alma do interior. Formou-se em Direito, Letras e Pedagogia. É mestre em Antropologia e Direito Internacional, e doutora em Direito Internacional. Foi duas vezes Secretária de Estado da Educação, presidente do CEDCAR, diretora do CSE e, em Brasília, chegou à Diretoria da ANADEP, representando defensoras e defensores públicos de todo o país. Sempre autoridade em todas as áreas na qual atuou.

Na Defensoria Pública de Roraima, trilhou um caminho firme: atuou na execução penal, nas cadeias masculina e feminina, em São Luiz e na Penitenciária Agrícola. Foi a primeira concursada a assumir o cargo de Defensora-Geral. O atendimento às pessoas mais vulneráveis sempre foi um sonho de criança, junto com a política. Em 2014, decidiu transformar esse compromisso em política. E foi eleita deputada estadual, sendo reeleita em 2018.

Como parlamentar, deixou um legado importante: criou leis que incentivam a doação de medula óssea, valorizam o professor indígena e promovem o combate à violência contra a mulher com o

Núcleo Reflexivo Reconstruir. Pensou no meio ambiente e na saúde da mulher, garantiu direitos aos portadores de doenças crônicas.

Dos muitos desafios profissionais que ela enfrentou, como Secretária Estadual de Educação, exerceu com muito dinamismo e enfrentamento as causas educacionais de Roraima. Deu importância e destaque à educação escolar indígena. Em diversas ocasiões nacionais, ela deu luz, brilho e protagonismo ao estado através da defesa ativa das especificidades da realidade local. Sob sua gestão e liderança a ordem era: Professor na sala de aula, merenda todo dia e transporte escolar para os alunos!

Na sua gestão a escolarização dos sujeitos era prioridade alta, onde houvesse aluno, esse deveria ser atendido/assistido com uma escola ou transporte escolar. Talvez uma mistura da ***alma de defensora com a alma de uma professora!***

Participou proativamente das reuniões do Conselho Nacional de Secretários Estaduais, onde exerceu com maestria e dedicação a representação de Roraima e da Região Norte, debatendo e conquistando espaços de ***fala e atuação*** importantes para a realização de políticas públicas necessárias às pautas educacionais do povo do Norte.

Liderou a realização de certames para contratação exclusiva de professores indígenas para atuarem nas comunidades, conforme anseio desses povos, o que se tornou um ato pioneiro no Brasil. Além de ter instituído a carreira específica para professor indígena. Também sob sua ótica, reflexão e orientação, criou-se uma nova matriz curricular para a Educação Indígena. Roraima seria o primeiro Estado do Brasil em que a matriz curricular indígena tem a mesma carga horária da Língua Materna e Língua Portuguesa (oficial do Brasil).

Sua atuação à frente da educação roraimense nunca foi e nem seria incipiente. Foi marcada por uma liderança forte, engajada

e comprometida com a aprendizagem, com a carreira docente e com a educação indígena e do campo.

Foi na sua gestão que Roraima alcançou estar entre os 15 melhores estados no índice IDEB, deixando de ser o último colocado no ranking nacional do índice.

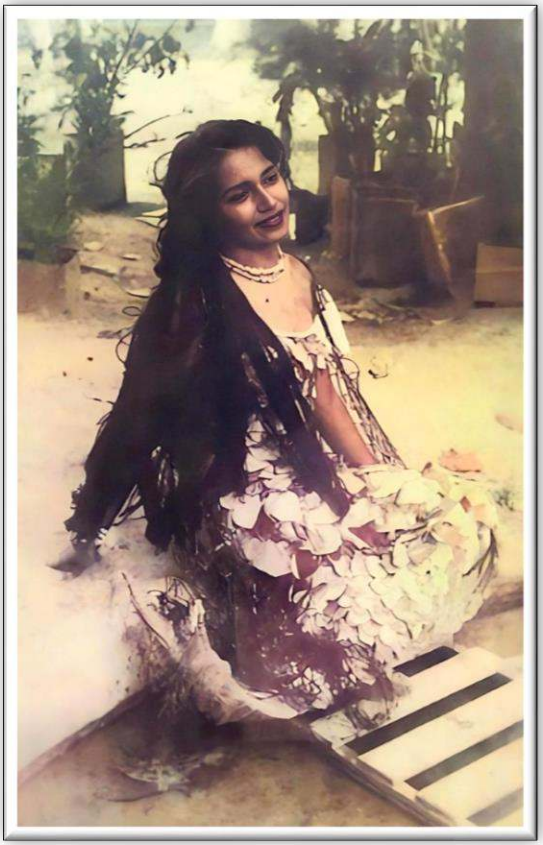
Sua contribuição, vivência e experiências marcam histórias de centenas de educadores de Roraima pelo legado importante e forte! Foi bussola e farol em dias de incertezas infinitas...

Lenir tem muitas conquistas, mas o que é admirável nela **é a coerência**. Em cada cargo, cada fala, cada escolha, ela reafirma quem é: uma mulher autêntica, movida por fé, coragem e um profundo amor pela justiça.

É... Lenir, você tem razão: a autenticidade é mais valiosa do que qualquer luxo material!!! E essa sua verdade, seu jeito simples de ver e viver a vida, sempre foi e será o teu maior brilho.

7

MARIA DAS DORES BRASIL:
Uma Vida Dedicada à Cultura e à Educação



MARIA DAS DORES BRASIL: UMA VIDA DEDICADA À CULTURA E À EDUCAÇÃO

Cecy Lya Brasil

Na Fazenda MOCIDADE, às margens esquerda do rio Uraricoera, pelas mãos habilidosas de sua vovó materna Carmem, nasceu dia 25 de agosto de 1931, a bebê que logo foi batizada por seus pais, Adolpho e Thereza Magalhães Brasil, com o nome de Maria Dasdores.

Entre campos, rios, lagos e igarapés, sua infância com os irmãos; Oder, Thereza e Amazonas, foi muito feliz.

Boa Vista do Vale do Rio Branco do Município do Amazonas, assim era nominada nossa hoje, Capital do Estado de Roraima, para onde veio Maria e seus irmãos, para terem melhores condições nos estudos. Com o tempo, Maria tornou-se icônica na história cultural do Estado.

Pioneira nos movimentos culturais de Roraima, Maria deixou um legado inestimável como escritora, poetiza, pesquisadora e professora.

Como escritora deixou inúmeros relatos sobre a história de Roraima.

Como poetisa, dezenas de lindas poesia, sendo uma intitulada "AJURICABA", atemporal.

Como pesquisadora, sua verve era voltada para a cultura indígena (POVOS ORIGINARIOS), nos seus usos, costumes, saberes, falares e ritos, sendo imortalizada uma de suas frases: "UM

POVO SEM CULTURA NÃO É UM POVO, É UM AGLOMERADO DE PESSOAS".

Como aventureira corria todos os riscos, contanto que fizesse suas aventuras! Duas são as mais inusitadas...

Ainda muito jovem foi estudar em Manaus, no colégio interno de freiras, a DOROTÉIA. Quando entrou de férias, seu irmão mais velho, Oder Brasil, que também estudava lá, no Colégio Dom Bosco, propôs a ela virem num avião monomotor, que o nosso pai, Adolpho Brasil, havia comprado para dar suporte no garimpo do Tepequém.

Oder viria pilotando! Primeiro detalhe.... Ainda não havia terminado o curso de piloto, ou seja, ainda não tinha o brevê. Segundo detalhe... o avião não tinha autonomia para combustível para um voo tão longo!

Oder fez uma ***engrenagem*** com um outro tanque, ligando-o ao original através de uma mangueira, e quem liberava o combustível durante toda a viagem era a própria Maria! Assim os irmãos chegaram em Boa Vista, muitas horas depois, felizes da vida, cm tamanha proeza!

Início da década de 40, época de muito diamante no Tepequém. Passados alguns meses, numa das viagens ao Tepequém, com Oder pilotando, ao decolar ainda na serra, o avião caiu em cima do platô, e até hoje os restos da fuselagem do avião encontram-se lá.

Em Boa Vista Oder, o companheiro de aventura de Dasdores, ***inventou*** um tipo de helicóptero, engendrando a hélice numa canoa, e o motor do avião, como se fosse um moto de popa. Ele tinha a ideia e o Sr. Carlos Natrodth, que também era mecânico, executava.

A canoa helicóptero, lógico, o máximo que levantou voo, foi em 30 cm acima da água, portanto, não deu certo logo na estreia, pois o peso da canoa era muito, e ao baixar, o impacto foi grande. A

Maria Dasdores, que topava tudo, foi arremessada, caiu e quebrou o braço na borda da canoa. Obvio que o castigo foi para os dois....

Assim nossa Maria, levou a vida...Leve, livre e solta! Se foi grande no físico, maio foi o seu coração... Seu ***espírito aventureiro*** retratou tão bem o quanto "ele", espírito, percorreu os lavrados de Roraima em busca de contemplação....

Sua paixão pelas artes e pela educação, inspirou gerações de roraimenses e contribuiu significativamente para o desenvolvimento do Estado.

Como Diretora da Escola Normal Regional Monteiro Lobato, foi a criadora do desfile alegórico do 13 de setembro, numa homenagem a criação do Território Federal, onde levava para o asfalto, as histórias de Roraima.

Com sua grande sensibilidade artística, Maria foi também desenhista e pintora. Assim, Maria capturou a essência da vida, a essência da nossa ancestralidade, deixando um enorme exemplo de amor a sua gente, aos seus familiares e amigos, quando de sua curta passagem terrena, retornando a Casa do PAI, em 26 de outubro de 1983.

"AJURICABA"

Aonde estás Ajuricaba?
Onde está teu gens?
Que elo ficou perdido?
Que cadeia foi rompida que não se encontra
Mais neste vale registros de teus traços?
Que fissura, que hecatombe apagou
Da memória de teus filhos, a tua herança?
Aonde estás Ajuricaba?

As terras pelas quais lutastes, estão aos pedaços,
Retalhadas em mãos alienígenas,
Leiloadas à saciedade das multinacionais...
O verde pelo qual combatestes está sendo pulverizado
Desordenadamente pela omissão irresponsável
Dos teus descendentes.
Aonde estás Ajuricaba?
Neste território de ururirá, xiuará,
Tua palavra soprada pelos ventos,
Foi mensagem de paz, acatada por
Manaus, Andirás, Tucunas, Barés
Muros, Tucanos e Tairás
Construindo toda uma história de bravuras e honradez;
Tua herança de lealdade e decisão
Junto aos maiapemas pôs termo às invasões espúrias,
Para que teus filhos herdassem o tesouro
Deste paraíso verde e, no entanto, eles esqueceram suas origens,
Perderam contato com suas RAÍZES (todas) e,
De concessão em concessão,
São hoje apenas pedintes da NAÇÃO!
Aonde estás Ajuricaba?
Tuas crianças, o curumim,
Agora é boy, cunhantã agora é girl,
Emasculados no jeans unissex do consumismo desajustado,
Perderam até mesmo o sabor das coisas boas.
Inapetentes, sorvem a Coca-Cola, refresco da morte,
Em lugar do guaraná, elixir da vida.
Flauta ouvida nos devaneios dos festivais do caxiri
Foram substituídas pelos sons das gaitas escocesas,
Na orgia desenfreada das mordomias aviltantes...
A suave afinação da tua onomatopeia
Está abafada pelo silêncio conivente e criminoso de tua gente.
Mas, o pior de tudo isso, é que nove entre dez,

De todos os teus filhos desconhecem tua história,
Pensam que és lenda simplesmente,
Uma bonita lenda, e com isso também perderam
O sentido da tua luta histórica,
O conhecimento, a vivência,
A consciência de tua herança maior: Liberdade! Independência!
Aonde estás Ajuricaba?

É MINHA MAIOR FONTE DE INSPIRAÇÃO E ORGULHO!

É a minha Patrona, da Academia Roraimense de Letras, onde ocupo a cadeira de N° 17.

SAUDADES ETERNAS!

Sua irmã caçula,

Cecy Brasil!

8

MARIA RODRIGUES*:*

Professora, Mãe, Exemplo de Resiliência e Garra



MARIA RODRIGUES: PROFESSORA, MÃE, EXEMPLO DE RESILIÊNCIA E GARRA

Élissan Paula Rodrigues

Ela nasceu em 1935, em Capinzal do Norte, entre roçado, chão batido e bonecas feitas de palha de milho. Desde que me entendo por gente, carrego na memória as histórias que minha mãe contava sobre o Maranhão, sua terra natal.

Sempre achei curioso quando dizia que sentia inveja dos cachorros, que podiam descansar na sombra, e dos passarinhos, que tinham a liberdade de voar. Ela se perguntava: "Por que eu não nasci um passarinho?".

Só muito tempo depois compreendi que essa liberdade que ela tanto desejava na infância se tornaria uma das marcas mais fortes de sua personalidade.

Mamãe sempre foi uma mulher à frente do seu tempo. Aos 16 anos, embarcou com a família em uma jornada cheia de incertezas rumo a um lugar completamente novo: o Território Federal de Roraima. Era 1951. Vieram num "pau de arara" até São Luís, esperaram semanas por navios até Belém, depois Manaus, e por fim, um barco do governo os levou a Boa Vista.

Em seguida, outro os levou a Mucajaí. Lembro-me dela descrevendo aquele lugar como um pedaço esquecido do mundo: floresta por todos os lados, sem estrada, sem luz, sem comunicação. Foram morar na Colônia Fernando Costa, onde o silêncio da mata só era quebrado pelos sons de bichos selvagens e dos barcos que passavam de quinze em quinze dias.

Eram seis famílias desbravando o desconhecido. Ainda hoje ela descreve os nomes e os traços típicos de cada morador. E, no meio disso tudo, uma jovem sonhando com livros e futuro.

Ouvir essas histórias na infância era como ver um filme de coragem, e eu, mesmo pequena, já sabia: minha mãe era diferente. Quando tirou o título de eleitor, andou a pé de Mucajaí até Boa Vista. Queria estudar. E estudou. Fez a terceira, a quarta série, encarou o exame de admissão.

Quando veio de vez para a capital, em 1955, aos 17 anos, trabalhou como babá para se manter enquanto estudava. Começou a dar aulas aos 21 anos, em 1957. E não parou mais. Dava aulas em um turno e pegava hora-aula no outro. Mesmo exausta, colocava comida no prato dos filhos.

Criou sozinha Shirley, Lenir, Ray, Evandro e eu, Élissan. E quando não havia comida suficiente, ela dormia com fome para que a gente não precisasse passar por isso. Embora ela não goste de mencionar essa parte da sua história é dos fatos que mais nos enche de força desde que me entendo por gente.

Acompanhei de perto o quanto ela se sacrificava por nós. Acordava cedo, dormia tarde, enfrentava filas, andava de bicicleta e a pé, escolas sem estrutura, dias de chuva e sol forte. Mas não abria mão da nossa educação. “Ou estuda, ou se perde”, repetia como um mantra.

A cobrança era firme, mas cheia de amor. Ela foi “mãe, foi pai, foi madrasta”, como repete até os dias de hoje, mas sabia, por experiência própria, que o estudo era a chave para uma vida mais digna. E nos ensinou isso com o exemplo, não apenas com palavras. Quando já tinha quatro filhos, incentivada pelo então marido, meu pai – que, segundo ela mesma brinca, “tinha seus defeitos, mas também sabia empurrar a gente pra frente” – resolveu prestar vestibular. E passou.

Foi pra faculdade já adulta, mãe, trabalhadora, sem tempo e com poucos recursos. Mas venceu.

Naquela época, cursar o ensino superior era para poucos. Os que podiam, iam embora. Os que ficavam, lutavam. Mamãe lutou. A chegada dos primeiros campi universitários em Roraima foi sua chance. Ela agarrou com força. Se formou, formou os filhos e hoje vê os netos seguindo o mesmo caminho.

E, para ela, essa é a maior conquista de todas. "O que tem menos, tem uma graduação", diz com orgulho. Para quem foi criada entre pessoas que mal sabiam assinar o nome, isso tem um valor imensurável. Ela não apenas acreditava na educação — ela a viveu, todos os dias, com suor, renúncia e esperança.

Mamãe diz que não puxou a ninguém. É única, e o é. Fez o que parecia impossível: saiu da roça e virou professora. Escolheu o quadro de giz ao invés da enxada. Sem herança, sem atalhos, plantou o próprio destino como quem planta sementes num chão seco, confiando na chuva.

Colheu frutos bonitos: respeito, admiração e uma história de vida que emociona quem escuta. Foi mais que professora. Foi mãe de muitos, conselheira de tantos, exemplo para todos. E continua sendo.

Hoje, quando olho para trás, vejo tudo o que aprendi com ela. Não só sobre conjugação de verbos, geografia e fatos históricos, mas sobre coragem, fé e dignidade. Vi minha mãe chorar escondido, mas também vi seu sorriso vitorioso quando um filho se formava ou um neto aprendia a ler.

Ela nos ensinou que a vida exige esforço, mas que vale a pena e que é preciso ter gratidão por cada dia. E se eu puder deixar um legado como o dela, mesmo que seja uma parte pequena, já terei feito muito.

Maria Rodrigues e Silva, minha mãe, tem sua história gravada em nós — filhos, netos, ex-alunos, amigos e ex-companheiros de trabalho, responsáveis por implantar a educação no estado de Roraima.

9

***NILRA JANE FILGUEIRA BEZERRA**:*
A Caminhada de uma Mulher
À Frente do Instituto Federal de Roraima



NILRA JANE FILGUEIRA BEZERRA: A CAMINHADA DE UMA MULHER À FRENTE DO INSTITUTO FEDERAL DE RORAIMA

Joelma Fernandes de Oliveira

Ela é um ser humano admirável, com uma história pessoal e profissional que vale registro, por isso estas páginas são escritas para homenageá-la. A escolha de seu nome vem da identificação pessoal que tenho com suas origens: ambas somos nascidas em solo roraimense; de família humilde; filhas de mães resilientes, que, mesmo não tendo instrução formal, souberam mostrar o valor do estudo para formação pessoal e para garantia de futuro profissional.

Quando iniciei minha trajetória no Instituto Federal de Roraima (IFRR), era comum ouvir seu nome mencionado entre os alunos. Sempre falavam com muito carinho da Professora Nilra, de como ela conseguia ensinar a matemática de uma maneira única, envolvendo os conhecimentos específicos da área com muita empatia e preocupação com as reais dúvidas e dificuldades encontradas em cada sala de aula.

Além disso, pouco a pouco, a fui conhecendo como colega de trabalho e pude por mim mesma comprovar que todo o carinho voltado para essa mulher vem da pessoa querida e profissional competente que ela é. Em comum, vejo que ela e eu escolhemos trilhar o caminho profissional da Educação, para fazer a diferença neste mundo, lutando por uma educação pública de qualidade, e isso me faz registrar estas páginas com muita alegria! Então, espero que este texto possa inspirar outras pessoas a viverem uma vida cheia de propósito como a Nilra motiva que eu viva a minha.

Nascida em Roraima, Nilra é filha de mãe solo, criada com a ajuda da avó – duas mulheres que, com muito esforço, sustentaram a família lavando roupas, costurando e trabalhando como zeladora e assistente de alunos em escolas públicas. Cresceu em um lar simples, mas cheio de afeto, um lugar onde o exemplo de força feminina moldou seu caráter. Foi nesse contexto que ela se forjou um ser humano sensível ao seu próximo e preocupado com questões sociais, uma pessoa disposta a ajudar e pronta para enfrentar os desafios da vida.

A escolha pela docência surgiu ainda na adolescência, incentivada por sua mãe, que a orientou com carinho a seguir o magistério. Sua carreira teve início em 1984, ano que, por uma feliz coincidência, marca também o meu nascimento. Desde os primeiros estágios, sentiu-se completamente encantada pela profissão. Ensinar, aprender com os outros e fazer parte da transformação na vida das pessoas se tornou mais do que um trabalho: tornou-se sua vocação. Desde então, a Educação passou a ser não apenas seu caminho, mas sua grande paixão.

A primeira escola onde lecionou marcou profundamente sua trajetória. Além de ser seu primeiro espaço de atuação profissional, era também a escola onde estudou na infância. Aos 17 anos, recém-formada no magistério, teve o privilégio de retornar àquele ambiente, dessa vez como educadora, tendo a oportunidade de vivenciar uma experiência simbólica e transformadora.

Pelo compromisso com o estudo, formou-se em licenciatura e bacharelado em Matemática pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Depois deu continuidade à sua formação, trilhando os caminhos da pós-graduação, realizando mestrado em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e doutorado em Educação em Ensino de Ciências e Matemática pela UFMT/REAMEC. Hoje Nilra é professora de Matemática há quase quatro décadas! Quando ela iniciou sua

carreira docente, Roraima ainda era território federal e tudo por aqui era mais complicado e instável, eram tempos diferentes, em que ser mulher e professora exigia, além de vocação, coragem. Isso demonstra que ela é uma mulher à frente de seu tempo, uma mulher decidida, forte e comprometida.

Sua contribuição à Educação começou na Rede Estadual de Ensino, em que atuou por 24 anos no Ensino Fundamental e Médio. Além da docência, desempenhou funções de gestão como Coordenadora Estadual de Matemática e Coordenadora de Educação Básica da capital, acumulando valiosas experiências administrativas e pedagógicas.

Em 2010, ingressou no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima – Campus Boa Vista. No IFRR, foi além da sala de aula. Atuou como Coordenadora de Pesquisa (2016), Coordenadora Institucional do Programa Residência Pedagógica da CAPES (2018/2019) e Coordenadora do Curso de Licenciatura em Matemática (de 2017 a 2020). Nessas funções, ajudou a construir políticas formativas voltadas à excelência acadêmica e ao compromisso social da Educação.

O compromisso de Nilra foi mais uma vez reconhecido quando foi eleita reitora do IFRR em 2020 e reeleita em 2024, encontrando-se ainda no exercício de seu segundo mandato à frente da Reitoria dessa instituição. Sua eleição e reeleição demonstram o voto de confiança da comunidade em seu trabalho, que tem o objetivo de promover políticas públicas da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, para impactar diretamente a vida de jovens em todo o estado de Roraima. É uma missão que a move e a inspira diariamente.

Sua gestão é marcada por valores como diálogo, inclusão, transparência, compromisso com a excelência acadêmica e valorização das pessoas. Mesmo como reitora, mantém seu vínculo

com o "chão da escola", atuando como docente no Programa de Pós-Graduação em Educação (mestrado ofertado em parceria entre o IFRR e a UERR), liderando o Grupo de Pesquisa "Educação Matemática e suas Tecnologias" e desenvolvendo estudos no grupo "Educação, Ciência e Tecnologia". Assim, ela segue inspirando educadores, servidores e colegas de profissão.

No IFRR, o que vemos, no dia a dia de convívio com Nilra, é que ela acredita profundamente na articulação entre ensino, pesquisa e extensão como pilar de uma educação pública transformadora, por isso suas ações promovem a prática nessas três frentes. Defende uma gestão democrática, inclusiva e humanizada, pautada na escuta ativa das comunidades escolares e no fortalecimento de políticas de permanência, inclusão e valorização da diversidade, tendo diálogo muito próximo com alunos, servidores e professores para se colocar a par das demandas da nossa comunidade.

Por todo esse perfil, a trajetória de Nilra tem sido reconhecida em diversos espaços: foi premiada quatro vezes pela Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), promovida pelo Ministério da Educação. Em 2023, recebeu da Assembleia Legislativa de Roraima a Comenda Orgulho de Roraima honraria concedida a mulheres com histórias de vida inspiradoras, por sua contribuição à educação e à sociedade roraimense.

Como nem tudo são flores nesta vida, essa mulher roraimense de tanta garra enfrentou desafios marcantes em sua trajetória, sendo o maior deles seguir em frente após a perda da filha primogênita e do esposo, em uma tragédia brutal no ano de 2015, em que seus familiares foram assassinados em frente de sua casa. Superar essa dor, dia após dia, exige dela força, fé e muito amor. É por eles e por seus dois filhos que ficaram, Caio e Ellijane, que ela continua a viver, com coragem e propósito, sempre dando o seu melhor.

Ao longo de sua caminhada profissional, também vivenciou situações de machismo e discriminação, mas sempre enfrentou esses episódios com firmeza e coragem, sem baixar a cabeça, justamente porque tem uma formação sólida e uma visão muito perseverante da vida. Uma mulher de decisões, optou por manter distância de pessoas que alimentam esse tipo de comportamento, protegendo sua integridade, sua saúde mental e seu foco em realizar um trabalho pautado pela excelência e pelo respeito.

Além dos vínculos que cultiva, das amizades que faz por suas andanças e das relações de afeto que multiplica a partir do seu trabalho e atuação de vida, para manter o equilíbrio entre uma rotina intensa e o bem-estar pessoal, ela dedica seu tempo livre à prática de atividades físicas como ciclismo, corrida de rua e Crossfit. Encontra também paz e recuperação no contato com a natureza, que lhe proporciona momentos de leveza e renovação. Esses hábitos são essenciais para que possa recarregar as energias e seguir com mais disposição em sua jornada diária.

Como a mulher de fé que é, sempre menciona que há uma palavra bíblica que a acompanha e fortalece em todos os momentos: **Josué 1:9** *"Seja forte e corajoso. Não temas, nem desanime, pois o Senhor, seu Deus, estará com você por onde você andar"*. É com essa certeza que ela segue firme, guiada pela fé, pelo propósito e pelo compromisso com sua missão na Educação. Para Nilra, a sala de aula é seu espaço de origem e pertencimento. É onde nasceu seu compromisso com a formação cidadã e com a transformação social por meio do conhecimento. Sua história é a prova viva de que educar é, antes de tudo, um gesto de amor, de resistência e de fé no futuro.

Espero que esta leitura inspire você, leitor, a ter resiliência, a lutar para viver dias melhores, apesar dos obstáculos e problemas que possa enfrentar. Espero que você persista na ideia de fazer um mundo melhor a partir da sua profissão e possa agir diariamente para mudar a vida de alguém com seus atos. Eu me motivo com a história

de vida e com a trajetória profissional dessa mulher roraimense tão querida que tenho a oportunidade de conviver e com quem aprendo muito: tantas lições profissionais a partir de sua gestão humana e competente; tantas lições pessoais, que inspiram a sermos melhores a cada dia.

10

TEREZINHA DE JESUS SANTOS DIAS*:*

Minha Mãe Sui Generis



TEREZINHA DE JESUS SANTOS DIAS: MINHA MÃE *SUI GENERIS*

Maria das Graças Santos Dias

A vida é feita de histórias, marcadas por desafios e conquistas. Entretanto, existem aquelas que transformam obstáculos em aprendizado e cada momento em um legado. Essa é a história de **Terezinha de Jesus Santos Dias,** uma mulher com trajetória de lutas e que muito me ensinou.

Nascida no interior de Roraima, um estado que tem suas peculiaridades, como a de maior população indígena, possui uma tríplice fronteira entre Brasil-Guiana-Venezuela. O mesmo estado que nasci e confesso minha paixão por esse pedacinho de chão.

A história da minha mãe está entrelaçada eternamente com a do meu pai, **Raimundo Nonato Dias**, amazonense, que adentrou o Baixo rio branco como "soldado da borracha". Com o fim da Segunda Guerra Mundial e, consequentemente, o declíno do seringal, foi "alistado" e, posteriormente, contratado como Guarda Territorial pelo primeiro governador do Território Federal do Rio Branco, atual estado de Roraima, Capitão Ene Garcez dos Reis, por meio do Decreto Federal Nº 002/1944.

Minha mãe, pai cearense e mãe pernambucana, nasceu na fazenda Aroeira, no atual município do Amajarí. Meus avós vieram trabalhar na pecúaria riobranquense. Proprietários da fazenda Aroeira e Guanabara, vendiam gado para o estado do Amazonas e para Venezuela, ou seja, eram fazendeiros nesse rincão do Brasil. A pecuária foi introduzida nos campos gerais do rio Branco por Lobo D'Almada, com a finalidade de ocupação, povoamento e

abastecimento do mercado interno de carne, tornando a região um polo de atração e fixação de colonos. Ainda nesse contexto, abastecer o mercado de carne do Amazonas. Minha mãe viveu uma infância de alegrias e tranquilidade, de uma mulher nascida no meio rural, nos campos naturais de Roraima.

Historicamente, minha mãe, quando adolescente, foi viver na Vila do Surumu, região do Amajarí, nessa referida vila conheceu e casou-se com meu pai, que, posteriormente, foi transferido para Boa Vista, capital do então Território Federal de Roraima. Teve três filhos**, Waner Santos Dias** e **Warner Santos Dias** e **Maria das Graças Santos Dias**. Aprendeu, com o tempo, que a vida nem sempre é fácil, mas que o amor é capaz de moldar qualquer destino.

Terezinha, minha mãe, era uma professora do ensino Fundamental. Trago um orgulho da sua força de vontade de estudar e concluir o magistério já com os filhos adultos. Sua trajetória de lutas sempre foi um incentivo nos meus estudos. Sabia da minha realidade em Roraima e do meu sonho de fazer um curso de nível superior. Era comum os roraimenses estudarem em outros estados, principalmente no Amazonas e no Pará. Em Roraima, não havia Universidade.

Em 1982, fui estudar no estado do Pará, fazendo um cursinho pré-vestibular. No ano seguinte, fui aprovada no vestibular de Sociologia e Economia. Ingressei no curso de Economia, foi o início da minha trajetória acadêmica. Minha iniguálavel mãe já era professora, nessa época, e custeou os meus estudos em Belém, dividia seu salário todos os meses com a filha, gratidão eterna.

Quando retornei a Roraima, com o ensino superior, ingressei na pós-graduação e então descobri a afinidade, o gosto e o amor pelo magistério superior. Na verdade, sempre influenciada pela minha mãe para ser professora. Em 1990, a Universidade Federal de Roraima abriu os primeiros concursos. Foi quando vi meu sonho

tornar-se realidade, com o apoio e incentivo dela. Fui aprovada como docente, do magistério superior. Ela sempre foi uma mãe que caminhou lado a lado comigo, principalmente, apoiando-me nas necessidades quando me ausentava da familia para cursos de pós-graduação fora do estado.

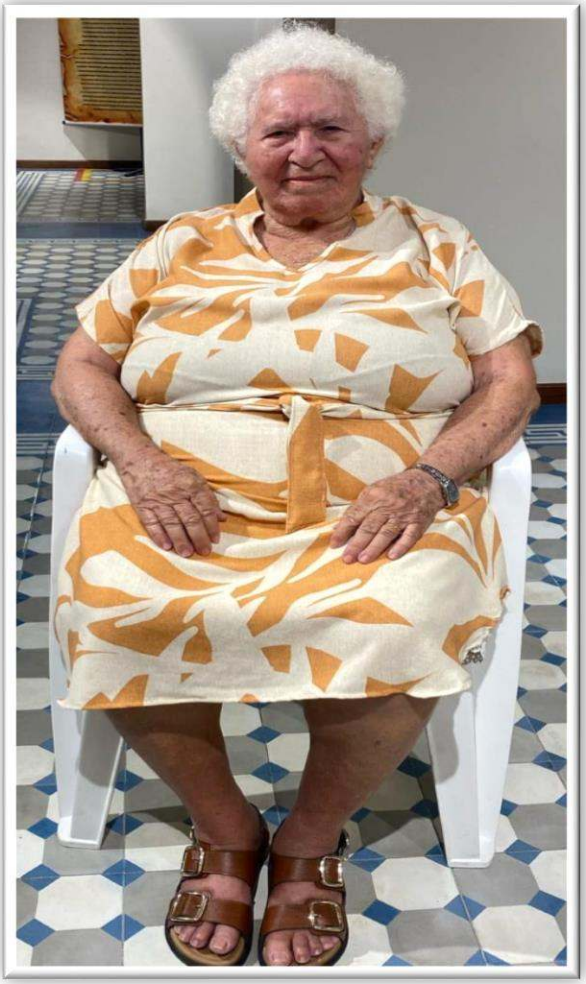
Em suma, foi com o apoio integral da senhora Terezinha que consegui realzar meus sonhos profissionais e pessoais. Ao longo dos anos, enfrentou desafios, construiu sua família e sua história, tornou-se muito mais que uma mãe ou profissional. É o meu exemplo de coragem e resiliência. Até os dias atuais, tenho a benção divina de ter sua companhia, podendo desfrutar da sua sabedoria. Nesta história, ressalto os meus filhos **Viktor Dias** e **Gabriel Raynato** que, assim como a avó e a mãe, sempre primaram pelos estudos.

O legado familiar que ela construiu deixa marcas profunadas em toda família. Sua história continuará a ecoar nas nossas futuras gerações, uma inspiração para todos os familiares. Que sua história, mãe, sempre seja contada e celebrada. Esta breve narrativa histórica é uma homenagem em vida para a mulher mias importante da minha vida, sua essência a torna uma pessoa impar, ***sui generis.***

11

***VIRGINIA MORAES DA SILVA**:*

Mãe, Esposa e Funcionária Pública Exemplar



VIRGINIA MORAES DA SILVA: MÃE, ESPOSA E FUNCIONÁRIA PÚBLICA EXEMPLAR

Cecy Lya Brasil

Roraimense raiz autêntica, chegou a este mundo material em 18/10/1934, na região da Serra da Lua, na Fazenda Nova Sintra.

Já nasceu forte e determinada, tendo a lua como seu farol, e seu pai João Azarias Lourenço, como seu guia. A vida de João não fora nada fácil! Saiu de sua terra natal, de Sobral no Ceará em 1894, apenas com nove anos para aventurar-se no mundo, pois tinha que sobreviver.

A Amazônia, foi o seu primeiro destino, pois na época ser balateiro (extrator de borracha) era o ofício que ganhava dinheiro mais rápido. Era uma época em que não havia "exploração de mão de obra infantil".

Todos trabalhavam, como se dizia antigamente: "Era de mamando a caducando". Não havia distinção de quem ainda era criança, para quem já era adulto, todos trabalhavam!

Os seringalistas, donos dos seringais, se aproveitavam sim, das crianças e exploravam o trabalho infantil, tornando-os "escravos do ofício". Com o declínio da extração da borracha em 1910, já rapaz, migrou para o Vale do Rio Branco, desta feita, aventurando-se no ofício ora do garimpo, ora no ofício de vaqueiros.

Foi quando seu pai se apaixonou pela bela jovem Maria do Carmo Morais, sua mãe, com quem teve a numerosa família de dez filhos, sendo oito mulheres e dois homens, sendo um deles falecido.

Maria do Carmo, mulher de prendas domésticas, de princípios religiosos, repassou seus ensinamentos a todos os seus filhos.

Mas, Virginia, sua segunda filha, queria muito mais, queria estudar, queria trabalhar... Sonhava em ter maiores conhecimentos. Veio para Boa Vista, e foi alfabetizada na Escola São José e fez todo o primário, hoje, ensino fundamental.

Virginia correu atrás dos seus sonhos...fez o ginásio, ensino médio, no Ginásio Euclides da Cunha. Queria trabalhar e ganhar seu próprio dinheiro.

Para tanto encarou em 1954 o curso de datilografia, tendo como professora a famosa Maria Eugênia de Melo Monteiro. Foi um sucesso! Logo foi requisitada para trabalhar no Grupo Escolar Prof. Diomedes Pinto Souto Maior.

Como mostrou-se eficiente, dedicada, logo foi para a Divisão de Educação, onde foi a primeira pessoa a datilografar todos os documentos do Território Federal do Rio Branco, inclusive a folha de pagamento.

Seu primeiro diretor foi Vital da Penha Ferreira. Passou por vários Diretores, mas seu carinho muito especial foi pela Diretora, prof. Maria das Neves Rezende, de quem tornou-se grande amiga!!!

Ao mesmo tempo em que fazia trabalho de secretariado, telefonista e todo ofício ligado ao setor Educacional, tinha que distribuir a merenda escolar, para o interior. Tinha que ter muito zelo e atenção com a distribuição do material, principalmente com os alimentos, para que chegassem a tempo, em todas as escolas.

Trabalhava muito, muito, mas nunca se queixou, pois amava o que fazia…

Suspiro profundo...

Hoje, ela diz sentir-se muito feliz, totalmente realizada, pois tem a consciência de ter feito o bem a muitas pessoas...

Em 1960, casou-se com Pedro Rodrigues da Silva e, assim como sua mãe, também teve dez filhos, sendo dois, já falecidos.

Seu casamento foi épico! O transporte era muito raro, então teve que ir a pé vestida com seu melhor vestido feito exclusivamente para esta ocasião, da rua Ajuricaba, onde morava para a Prelazia, até a rua Bento Brasil, no Centro.

O celebrante desse matrimônio foi o Bispo D. José Nepote. Com o brilho nos olhos, vai repassando suas doces lembranças...

Até hoje, mantem sua lucidez e com certa nostalgia, relembra de tudo nos mínimos detalhes, inclusive do bolo do casamento... Como tudo era difícil! os bolos, eram feitos no mínimo com dois dias de antecedência, e colocados em cima de uma mesa, cobertos com uma toalha e na véspera eram confeitados.

Na hora do casamento, o bolo estava todo furado, com marcas de dedinhos de criança... foi sua irmã caçula Inês, de quatro anos que fez essa peraltice. Boas risadas...

Isso retrata muito bem, a realidade da época! energia pouca, água escassa, e transporte que era bom, não havia!

Enfim, mas como ela mesma diz:

Éramos muito felizes!

Seus filhos lhe deram vinte e dois netos, e onze bisnetos, com quem convive e é muito feliz!!!!

SOBRE AS AUTORAS

SOBRE AS AUTORAS

Ana Celia de Oliveira Paz é pedagoga e consultora em assuntos educacionais. Professora universitária. Mestre e doutora em Ciências da Educação. Membro da Academia Roraimense de Letras. E-mail para contato: anaceliapaz2011@hotmail.com

Ana Hilda Carvalho de Souza é professora da Secretaria de Educação Cultura e Desportos do Estado de Roraima (SEED). Doutora em Ciência pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES). E-mail para contato: anahildarr@hotmail.com

Cecy Lya Brasil é presidente da Academia Roraimense de Letras. Autodidata, pesquisadora, escritora, conferencista sobre a história, lendas e costumes de Roraima. E-mail para contato: brasil.cecy@gmail.com

Élissan Paula Rodrigues é assessora de comunicação do Tribunal Regional Eleitoral de Roraima (TRE RR). Especialista em Comunicação Social pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (IBPEX). E-mail para contato: elissanpaula@gmail.com

Joelma Fernandes de Oliveira é professora do Instituto Federal de Roraima (IFRR). Mestre e doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). E-mail para contato: joelma.oliveira@ifrr.edu.br

SOBRE AS AUTORAS

Maria das Graças Santos Dias é assessora jurídica da Corregedoria do Tribunal de Justiça do Estado de Roraima (TJRR). Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail para contato: mdgsdm@uol.com.br

Shirley Rodrigues é jornalista do Grupo Folha de Comunicação. Membro da Academia Roraimense de Letras. Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail para contato: shirleyfolha@hotmail.com

Simone Rodrigues Batista Mendes é coordenadora do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PAFOR). Doutora em Educação pela Universidad Evangelica del Paraguay. E-mail para contato: simonebatista810@gmail.com

Stela Damas é diretora do Centro Estadual de Formação dos Profissionais da Educação de Roraima (CEFORR). Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail para contato: stela.damas66@gmail.com

NORMAS DE PUBLICAÇÃO



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A editora IOLE recebe propostas de livros autorais ou de coletânea a serem publicados em fluxo contínuo em qualquer período do ano. O prazo de avaliação por pares dos manuscritos é de 7 dias. O prazo de publicação é de 60 dias após o envio do manuscrito.

O texto que for submetido para avaliação deverá ter uma extensão de no mínimo de 50 laudas. O texto deverá estar obrigatoriamente em espaçamento simples, letra Times New Roman e tamanho de fonte 12. Todo o texto deve seguir as normas da ABNT.

Os elementos pré-textuais como dedicatória e agradecimento não devem constar no livro. Os elementos pós-textuais como biografia do autor de até 10 linhas e referências bibliográficas são obrigatórios. As imagens e figuras deverão ser apresentadas dentro do corpo do texto.

A submissão do texto deverá ser realizada em um único arquivo por meio do envio online de arquivo documento em Word. O autor / organizador / autores /organizadores devem encaminhar o manuscrito diretamente pelo sistema da editora IOLE: http://ioles.com.br/editora

Copyright © Editora IOLE
2025

CONTATO

EDITORA IOLE

Caixa Postal 253. Praça do Centro Cívico

Boa Vista, RR - Brasil

CEP: 69.301-970

@ http://ioles.com.br/editora

+ 55 (95) 981235533

eloisenhoras@gmail.com

Copyright © Editora IOLE
2025